

SENA CHIESA (*Aquileia*) G. Sena Chiesa (1966), *Gemme del Museo Nazionale di Aquileia* (Testo e Tavole). Padova, 1966

STERNBERG F. Sternberg (1980), *Antike Münzen – Gemmen*. Zurich, 1980

ZWIERLEIN-DIEHL (*Wien III*) E. Zwierlein-Diehl (1991), *Die Antiken Gemmen des Kunsthistorischen Museums in Wien*, vol. III. Munique, 1991

Judeus em Angola - séculos XIX-XX

Aida Freudenthal

(Colaboradora do Centro de Estudos Africanos e Asiáticos do Instituto de Investigação Científica Tropical)

1. A diáspora sefardita

As referências encontradas em relatos de viajantes, nas listas de negociantes e exportadores inseridas em Anuários e nas lápides tumulares dão-nos conta de uma presença contínua de judeus sefarditas em Angola desde meados do século XIX, implicados na actividade mercantil, facto que despertou até agora pouco ou nenhum interesse dos historiadores.¹ Iniciámos a nossa pesquisa no sentido da identificação de indivíduos e famílias bem como das suas ocupações e locais de residência através do recurso a entrevistas feitas aos seus descendentes. Dados dispersos permitiram complementar a informação inicial e traçar alguns percursos considerados exemplares que esclarecem não apenas as condições favoráveis à imigração como os motivos que impeliam alguns indivíduos a buscar o seu sustento numa colónia tão distante dos seus países de origem. Apesar das lacunas existentes, o estado actual da pesquisa permite desde já captar sumariamente alguns traços distintivos da sua presença em Angola e formular algumas hipóteses de trabalho que cremos oportuno divulgar.

Pelo facto de se desconhecer a dimensão e composição da comunidade judaica em Angola nos últimos anos da Monarquia e durante a 1ª República, foi essa a primeira questão que

¹ Ver J. A. Levi (ed). *Survival and adaptation. The Portuguese Jewish Diaspora in Europe, Africa and the New World*. New York 2002; Primak, K. (ed). *Jews in Places you never thought of*. Hoboken 1998.

pretendemos esclarecer. Se não foi possível avaliar o número total dos residentes ao longo de um século, cremos ter identificado os principais núcleos familiares constituídos e dessa forma compor um universo próximo da realidade. No entanto a escassez de dados até agora reunidos não viabiliza ainda a elaboração do perfil sociológico desta minoria, nem a identificação de judeus ricos e pobres, de assimilados, liberais e ortodoxos, assim como não permite ainda generalizações relativamente a um grupo que terá desempenhado um papel económico relevante na colónia. Embora não tenha sido uma diáspora muito visível devido ao número aparentemente restrito de judeus residentes, tratou-se de uma presença que, pelos seus contornos sociais e pela expressão económica que atingiu, justifica uma atenção particular no âmbito dos estudos sobre o império colonial português e do papel que nele tiveram as comunidades judaicas.

Condicionada pelo desenvolvimento da economia mundial e pela busca de novos mercados em África no século XIX,² a nova diáspora judaica conduziu a este continente e particularmente a Angola, um número muito substancial de Sefarditas.³

Que mudanças globais haviam favorecido esta movimentação? Seria o reflexo de convulsões hostis aos judeus na Europa e no Norte de África? Seria motivada pela expansão do comércio e pela incorporação de África no mercado mundial? E que relação específica teria com a política da monarquia portuguesa, ao

² Embora periférico em relação às áreas de diáspora judaica mais antiga, o território de Angola não fora desconhecido dos cristãos-novos ao longo dos séculos XVI-XVIII, como traficantes, contratadores e armadores envolvidos no tráfico negreiro atlântico. Ver C.C. Cruz. *O Tráfico negreiro da "Costa de Angola". 1580-1640*. Lisboa FLL 1966; Salvador, J.Gonçalves. *Os cristãos-novos e o comércio no Atlântico Meridional.1530-1680*. S. Paulo, Pioneira 1978. J.Silva Horta. "Africanos e Portugueses na documentação inquisitorial de Luanda e Mbanza Kongo (1596-98)" in *Encontro de Povos e Culturas em Angola*. Lisboa, CNCDP 1995. Veja-se a evidência documental recorrente em A. Brásio. *Monumenta Missionaria Africana*. Lisboa 1951.

³ Veja-se o caso particular da África do Sul, país onde têm sido efectuados numerosos estudos sobre a diáspora judaica que nela teve acolhimento ao longo dos séculos XIX e XX. Em contexto totalmente distinto, instalaram-se em Angola, a partir de 1920's, algumas dezenas de famílias askhenazis cuja trajetória não será aqui abordada.

extinguir a Inquisição e decretar a liberdade religiosa no país e nas colónias?

Finalmente decretada a abolição das medidas discriminatórias contra judeus e cristãos-novos em 1773, logo nos primeiros anos do século XIX se registou a presença de algumas famílias judaicas de origem marroquina, em Portugal e nos Açores (S.Miguel e Faial) onde constituíram comunidades sefarditas que não só dinamizaram o comércio local como foram estabelecendo gradualmente laços económicos com os arquipélagos atlânticos de Cabo Verde e S.Tomé.⁴ Por efeito das relações económicas e políticas construídas no espaço imperial português ao longo de séculos, foi constituída uma rede que integrava indivíduos e empresas sediados na costa africana como ocorreu em Angola onde um núcleo sefardita mantinha laços familiares e de parceria empresarial com a diáspora judaica em Portugal, nos Açores e em Marrocos.

Com efeito a documentação relativa às feitorias do Zaire e às cidades costeiras de Angola, em meados do século XIX, proporciona referências dispersas a judeus originários de Gibraltar e do norte de África, em particular das cidades de Mogador, Tânger e Tetuão. Em certos casos foi possível identificar as relações de parentesco que serviam de suporte à actividade mercantil em que eram exímios⁵, embora seja por ora muito problemática a reconstituição exacta dos percursos individuais bem como a composição de cada núcleo familiar.

⁴ A pesquisa relativa à presença de judeus nestes arquipélagos tem-se desenvolvido nos últimos anos. Ver em particular J. A. Levi, o. cit.; Primack, K., o. cit.; Dias, F.S. "Les Juifs marocains...", 1993 e Idem, *Uma estratégia de sucesso. José Bensaúde*. Lisboa 1999; Correia, Cláudia, *Presença de Judeus em Cabo Verde*. Arquivo Histórico Nacional Praia 1998.

⁵ Os apelidos de famílias até agora identificadas foram reunidos no Quadro da pág. 250 e a sua origem foi pesquisada em J.M. Abecassis. *Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar, séc. XVII-XX*. Lisboa 1990, 5 vols; A. Laredo. *Les noms des Juifs du Maroc*. Madrid 1978; J.B. Vilar. "L'ouverture à l'Occident de la Communauté juive de Tetouan (1860-65)" in Leibovici, S. (ed) *Mosaïques de notre mémoire. Les judéo-espagnols du Maroc*. Paris 1982; R. Ayoun. "Les Tetouanais à Oran" in Leibovici, S. o.cit. 1982. Ver o esquema de relações familiares detectadas ao longo da pesquisa na pág. 250.

Apesar da pesquisa até agora realizada, não é ainda possível comprovar as motivações dominantes que conduziram os judeus a Angola no período em estudo. Contudo as fontes arquivísticas bem como alguns relatos de viajantes fornecem referências pontuais sobre os contextos específicos que determinaram as suas escolhas e presidiram à deslocação e/ou estadia em Angola de comerciantes e de viajantes,⁶ possibilitando a reconstituição de algumas trajectórias.

Por outro lado, os dados recolhidos são eloquentes quanto aos sectores da sociedade colonial em que intervieram. Com a extinção lenta mas progressiva do tráfico negreiro e a sua coexistência com o comércio lícito ao longo do século XIX no espaço atlântico, ocorreu a proliferação de feitorias europeias em todo o litoral atlântico e em especial na zona convencional do Congo, a norte do Ambriz, nas margens do Baixo Congo e na costa do Loango na década de 70. Na verdade o volume de transacções entrou numa fase de crescimento acelerado, com a diversificação acentuada dos géneros tropicais e das mercadorias europeias e a extensão simultânea das redes mercantis ao interior do continente. Embora permaneça obscura a vida das feitorias portuguesas nesta vastíssima região, existem indícios de que, além dos negociantes franceses, holandeses, ingleses, alemães e portugueses ali presentes, também operavam judeus, alguns representando capitais ingleses e portugueses.⁷

Estreitamente relacionados com firmas dos Açores, de Cabo Verde e de S. Tomé, sobressaía entre eles a importante firma Izaak Zagury & Cia, sediada em Luanda, com feitoria-chefe em Banana, cinco feitorias no rio Zaire localizadas entre Banana e Boma, duas no Ambrizete e no Ambriz, e sete no rio Cuanza e na vila do Dondo.⁸ Empresas familiares eram também a dos

⁶ Carvalho, H.D. *Descrição da Viagem...*, 1894:665-66 refere a viagem de M. Zagury aos Bondos. (ver n. 8 e 22).

⁷ Facto já assinalado por J.Dias, *Angola in O Império Africano 1825-1890. NHEP*, v.X. 1998:389.

⁸ Pinto, F.A. *Angola e Congo*. Lisboa 1888:384-85. Originários de Mogador (Marrocos), os Zagury eram também parentes dos Amzalak e encontravam-se em Lisboa desde o início do século XIX, ao mesmo tempo que mantinham relações familiares e profissionais com a Inglaterra. J.M. Abecassis, *Genealogia...* vol.IV:

irmãos José e Salomão Bendrao na Catumbela, assim como a de Salomão e David Cagi, sediada no Ambriz nos anos 90 como importadores de mercadorias europeias entre as quais predominavam os bens alimentares, vestuário, cal, etc.⁹ A firma Amzalak & Irmão (Jacob e José) era ainda proprietária de caíques e de palhabetes que viajavam para S. Tomé, onde outro irmão Izaak, nascido em Lisboa em 1842, era proprietário de uma roça, enquanto Jacob e José viveram largos anos em Angola onde deixaram descendência.¹⁰

Através das firmas que representavam, alguns desses abastados negociantes de géneros tropicais expandiram gradualmente a sua actividade na região do Cuanza, onde numerosos comerciantes se encontravam instalados desde os anos 60, em particular na vila do Dondo e em Malanje, cuja prosperidade resultava da confluência de várias rotas comerciais. A dispersão geográfica ao longo dessas rotas resultava de uma estratégia adoptada por várias firmas de abrir sucursais nos principais núcleos comerciais da colónia para onde os produtores africanos convergiam com uma considerável variedade de géneros tropicais como marfim, cera, goma copal, urzela, gergelim, café, borracha e amendoim. Se é certo que a exportação destes produtos disparou a partir da década de 1860, também a importação de mercadorias europeias atraiu a clientela africana: assim a casa Bensaúde no Dondo¹¹ e em Pungo Andongo ocupava-se de comércio a retalho que incluía peças de lençaria, algodões e riscados, chitas, missangas e contaria, chapéus e bonés, taxas, cobertores, panos, casacos, camisas, tipoias, sal, etc.

⁹ Mapas de importação 1892-1893. AHU. Angola, 2ª S. 2ªR. P18 (1894).

¹⁰ Ver Abecassis, *op.cit.*, vol. I: , que refere Jacob Amzalak como empregado da Cia dos Açúcares de Angola pertencente a Luís Sousa Lara. O irmão José A., nascido em Lisboa em 1847, viveu também alguns anos em Angola, onde teve dois filhos: Mary (Miriam), n. em 1874 e Abraham (Alfredo), n. em 1876; em 1892 era membro da Comissão de Preços Correntes de géneros para exportação. BO 17 de 23.4.1892: p.211.

¹¹ H.D. Carvalho 1894:742. Este explorador fotografou no Dondo o edifício da firma Bensaúde que foi aliás um importante fornecedor de géneros para a expedição ao Muatiânvua, como demonstram as facturas encontradas no seu espólio. AHU. Angola DGU. 1884-1894, Pt 1091. Agradeço esta referência a Ana Paula Tavares.

Entretanto mais a sul, encontrava-se no auge o trânsito de géneros provenientes do Bié e do Barotse transportados por caravanas africanas até ao litoral de Benguela/Catumbela. Aqui registava-se a presença de judeus que representaram ou constituíram firmas para o comércio sertanejo às quais agregavam familiares, e através de agentes e comissionados expandiam para o interior as suas redes de negócio. Adoptando o mesmo padrão empresarial, algumas das firmas mais importantes ali representadas pertenciam ou eram geridas por negociantes como os Bensaúde, Benoliel,¹² Benchimol¹³ e Bendrao,¹⁴ com desigual capacidade financeira, mas geralmente conhecidos como “abastados comerciantes”. Até 1900 prosseguiu “o delírio da borracha” como então era designado o negócio de permuta deste género trazido pelas “comitivas do gentio” que gerava grossos lucros aos negociantes da Catumbela e de Benguela. Quando no início do século XX, foi iniciada a construção do Caminho de Ferro de Benguela, alguns comerciantes moveram-se para o planalto do Huambo,

¹² Sobre esta família instalada inicialmente em Benguela, Abecassis, *Genealogia...*, vol. I informa que Jacob, filho de Isaac B., nascido em Tetuão em 1844, foi pai de José Jacob Benoliel, falecido em Benguela em 1951, tendo sido enterrado no sector judaico do cemitério da cidade. Dados confirmados em entrevista concedida por José Bende Benoliel em 2001.

¹³ Abraham Benchimol nasceu em Ponta Delgada, Açores, em 1853 e fal. em Lisboa em 1906. Seu pai Moyses nascera em Tânger e fora negociante em Lisboa onde falecera em 1892. Abraham começou por empregar-se como gerente da firma Bensaúde na Catumbela; era armador de barcos mercantes em 1876, em Luanda, além de negociar em açúcar através da firma Benchimol & Sobrinho nos anos 80.

¹⁴ Vindos de Tânger, os irmãos José e Salomão Bendrao vieram instalar-se em Catumbela em 1864; trabalhavam para Salomão Benchimol em 1874; a sua casa comercial em Catumbela exportava borracha nos anos 70-80. A. Bastos, *Monografia da Catumbela*. Lisboa 1912. Tiveram vários descendentes, como Sara B. nascida em 1883 em Benguela e falecida em 1895 em Lisboa, enquanto Luna Bendrao Furtado de Antas, n. em 1903, foi enterrada em Benguela em 1970. Ester Bendrao Valentim viveu na Catumbela tal como Susana B. Valentim, tendo sido enterradas ambas no cemitério de Benguela. Samuel foi cônsul do Uruguay em 1893. AHU, Angola, 2ª Rep. 2ª Sec. Pt 17 (1893); Jaime Isaac Bendrao, comerciante e presidente da Associação Comercial e da Câmara Municipal de Nova Lisboa (Huambo) em 1950's.

instalando-se alguns em nascentes povoações comerciais que a colonização europeia ia disseminando por toda a região.

Um caso relevante entre outros pode ser referido com algum detalhe: na década de 60 estabeleceram-se na Catumbela Salomon Bensaúde e mais familiares, representando a sociedade de importação e exportação Bensaúde e Cia,¹⁵ com sede em Benguela, que viria a ser considerada na década de 80 como a casa comercial mais importante na região com um investimento considerável para a época de 10.000 contos de reis. Simultaneamente a sua actividade estender-se-ia para norte na década de 80, centrada no Dondo onde existia uma rua com o seu nome; no Lombije, Salomon prospectou ouro, levando consigo um canhão Krupp e homens armados com espingardas de repetição¹⁶ para enfrentar qualquer oposição por parte dos Ndembu. Revelando projectos a longo prazo, a Casa Bensaúde concedeu crédito ao explorador Henrique de Carvalho, tanto em Lisboa como à sua chegada a Malanje, onde recebeu 10\$000 reis para pagar o rancho para a viagem e aos carregadores; foi ainda Bensaúde & Cia que equipou a expedição com os mais diversos artigos destinados a ofertas às autoridades africanas, saídos dos seus armazens no Dondo. Dessa lista extensa constam tipoias, panos de algodão de todo o tipo, missangas, coral e pérolas; chapéus, taxas amarelas, cobertores de lã, fardas, sal, etc que integravam as cargas da expedição à Lunda,¹⁷ e eram elementos indispensáveis à permuta entre africanos e europeus.

Sendo impossível por ora avaliar o peso financeiro e a continuidade das várias firmas comerciais, é lícito afirmar que a sua existência estaria condicionada pelas oportunidades proporcionadas pelos mercados externos e pelo controle que exerciam sobre os preços, mas também pelos condicionalismos locais como a forte concorrência entre feitorias e acima de tudo

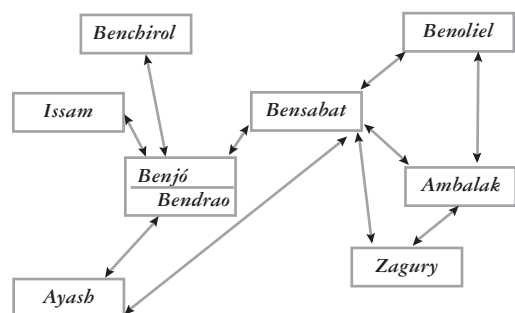
¹⁵ A firma Bensaúde & Cia na Catumbela, seria a representante local da firma Bensaúde & Cia fundada em Lisboa pelo financeiro Abraham Bensaúde em 1873. Abraham Benchimol foi um dos seus gerentes em Angola. Ver nota 11.

¹⁶ Magno, David. *Guerras Angolanas*. Porto 1938:34.

¹⁷ Carvalho, H.D. *Descrição da Viagem...* I v., 1890:99. AHU. Angola DGU 1884-1894, Pt 1091.

pela capacidade de negociação com os fornecedores africanos. As fontes incluem menções esparsas aos negociantes judeus que, actuando raramente sós, constituíam sociedades familiares capazes de expandir a sua actividade em distintas regiões da colónia. Além de os negócios serem frequentemente iniciados pelo irmão primogénito ou por um tio que em seguida integravam vários membros da mesma família, as estratégias comerciais incluíam por vezes alianças matrimoniais entre famílias a fim de promover interesses comuns e de reforçar a solidariedade entre a reduzida comunidade judaica. Contudo as condições objectivas do mercado determinavam por vezes a constituição de sociedades que reuniam sócios judeus e cristãos, como sucedeu com a Companhia Comercial de Angola,¹⁸ empenhada no comércio de aguardente e borracha, que resultou da fusão de distintas firmas comerciais da região de Benguela/Catumbela.¹⁹

Relações inter-familiares



¹⁸ Constituída em 1900, com capitais associados das firmas Bensaúde, Bacelar & Freitas, Ferreira Marques & Fonseca e António Sousa Lara. A sua sede foi durante muitos anos o Palácio de Ferro na rua Direita de Luanda e a sua solidez financeira assegurou a sobrevivência da Companhia até meados do século XX.

¹⁹ Encontrámos no Boletim Oficial referências a outras firmas mistas como Amzalak & Andrade; Bensaúde, Bacelar & Freitas; Bendrao, Cardozo & C^a, e ainda Manaças, Neves & Zagury. Não foi contudo possível esclarecer as relações empresariais existentes entre a firma Sousa Lara e vários negociantes sefarditas nas décadas de 80 e 90.

Beneficiando da teia de relações familiares que assegurava contactos e transacções rentáveis, esses negociantes inseriam-se simultaneamente numa rede mercantil internacional que ultrapassava Lisboa e se estendia aos portos do norte da Europa como Londres, Manchester, Havre, Amsterdão e Hamburgo,²⁰ e ao Mediterrâneo, incluindo o Magrebe. A internacionalização do comércio tornou-se mais intensa nas décadas de 80-90, no contexto dos acordos sobre a bacia do Congo e a par da delimitação das fronteiras coloniais, aproveitando o governo português as condições criadas pela Conferência de Berlim para acelerar o processo de ocupação militar e administrativa de Angola, ao mesmo tempo que atraía colonos europeus e intensificava a exploração dos recursos naturais e da mão de obra do território. Uma rede internacional encontrava-se desse modo ao dispor dos negociantes sefarditas estabelecidos em Angola.

Nesta conjuntura económica, que tipo de sociedades comerciais foram constituídas pelos sefarditas? A já citada firma Bensaúde & C^a sediada em Ponta Delgada, tanto quanto se sabe, terá promovido a criação de uma filial em Angola. Noutras circunstâncias, os investimentos directos feitos por negociantes sefarditas resultavam de um pecúlio acumulado nos primeiros anos de trabalho assalariado como empregados de firmas pertencentes a correlegionários. A partir da confiança e do crédito que lhes eram concedidos, os jovens mais audaciosos ousavam estabelecer a sua própria casa comercial nas melhores praças da colónia e a partir daí alcançavam uma relativa prosperidade em poucos anos. Foi essa a história mais comum entre as famílias sefarditas até ao início do século XX, apesar de reveses como a falência também atingirem por vezes algumas dessas empresas.²¹

Se é certo que as áreas de investimento preferencial na constituição de sociedades comerciais estavam até então

²⁰ Tanto nos Países Baixos como em Hamburgo e nalgumas cidades italianas como Livorno e Veneza, existiam vastas comunidades judaicas desde o séc. XIV. Para o caso de Hamburgo, veja-se o testemunho de Afonso Cassuto. *A comunidade portuguesa de Hamburgo*. Lisboa, Heheber 1937. Milhares de judeus viviam no litoral do Mediterrâneo e em terras do Islão integradas no Império Otomano, enquanto outros haviam procurado desde o século XVI novas oportunidades nas Américas.

²¹ Isaac Amzalak & Irmão faliu em 1878 enquanto Benchimol & Sobrinho trespassava os seus negócios no Dondo a João Catela de Miranda em 1892.

relacionadas com as transacções de géneros tropicais e a importação de mercadorias europeias, importa assinalar a partir das décadas de 80-90, a participação de capitalistas judeus noutros sectores como o dos transportes. É sabido que após as guerras napoleónicas, a alta finança europeia concentrada em boa parte na Inglaterra, investia na construção de meios de transporte em África, e Angola não seria excepção, quando na segunda metade do século, os barcos a vapor no Cuanza, no Zaire e na cabotagem costeira foram substituindo gradualmente a navegação à vela.²² As maiores sociedades comerciais organizavam serviços de transporte de mercadorias como Benchimol & Sobrinho, proprietária de 2 palhabetes e 5 lanchas em 1872 e de navios de cabotagem costeira, como o “Ibo” e “Adelina”,²³ em 1888, enquanto Izaac Zagury & Cia, proprietária de palhabetes, lanchas e uma catraia, adquiria em 1882 a Comp^a de Navegação a Vapor no Cuanza.²⁴ É muito provável a participação daquela firma na importação de equipamento industrial e marítimo, tendo em conta as ligações da família Zagury ao capital britânico, sendo atribuído a Marcos Zagury, negociante instalado no Dondo nos anos 80, um papel influente como agente intermediário de estaleiros ingleses.²⁵

Também a penetração para o interior requeria a construção de estradas, de pontes e o lançamento da primeira via férrea de

²² A. Freudenthal. *Angola*. in *O Império Africano 1890-1930*. Lisboa 2000: 338-39.

²³ BOGPA nº5 de 29.1.1876:64. A. Bastos, “Angola de outros tempos” in *O Lobito*, 16.08.1930.

²⁴ A Companhia de Navegação a Vapor no Cuanza, proprietária de dois barcos a vapor “Andrade” e “Cunga” fora fundada em 1865 por vários accionistas estrangeiros. O seu representante em Angola era então o negociante americano Augustus Archer da Silva (fal. em 1872). Em 1884, era detentora de um vapor chamado “Silva Americano” que fazia carreira entre Luanda e o Dondo.

²⁵ Uma fonte coeva informa que Marcos Zagury interviera na venda de um cruzador à Coroa portuguesa. Carvalho, H.D. *O Jagado...* 1894:665-6; A. Iria. “Os judeus em Moçambique, Angola e Cabo Verde”. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Tomo XX, Lisboa 1979:167-8. Sobre M. Zagury, nascido em S. Miguel (Açores) em 1857, filho do Rabi David Zagury, e falecido em Lisboa em 1924, sabe-se ainda que era sócio da S.G.L., que recebeu H. de Carvalho no Dondo e prestou auxílio aos missionários Bispo Taylor e Dr. Summers, durante a sua estadia em Angola. A sua foto encontra-se em H.D. Carvalho, *O Jagado...* 1894: 665. Participou numa expedição da qual escreveu um breve relato: “Expedição Portuguesa aos Bondos” 1888 (mss. da SGL).

Luanda a Ambaca que asseguraria a comunicação entre o litoral e as distantes terras do interior, iniciada em 1886 e terminada já no século XX. Com a finalidade de prolongar esta linha para leste até atingir o Bié, um projecto da autoria de Lazaro Bensabat, representando interesses de uma Companhia fundada com capitais da praça de Londres²⁶ - a *Cia. Loanda-Bibe de Exploração de Terrenos e Minas de Ouro, Lda.* - requeria em 1895 a concessão de terrenos para construção de uma via férrea de 1070 km de extensão ligando Ambaca-Malanje-Cuango, com um ramal até ao Bié. Era judiciosamente invocada por Bensabat a solidez financeira do empreendimento bem como o seu interesse económico pelo apoio incontestável que iria prestar à colonização europeia no planalto central e ao escoamento de minérios até aos portos de exportação. Na verdade essa via ferroviária tão desejada não apenas por investidores como pelos próprios negociantes e agricultores que pretendiam acelerar o escoamento de mercadorias para o litoral em substituição dos carregadores, não chegaria a ser concretizada, por razões que desconhecemos.

Contudo não seria estranho o facto de simultaneamente ter surgido o projecto do CFB, patrocinado por outro grupo capitalista que viria a concretizar a ligação de Benguela ao Bié. Na origem dos empreendimentos ferroviários em Angola estavam capitais apoiados pelo grupo financeiro Rothschild com o aval do governo inglês, como era o caso da *Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez da Africa* (1884?), e o da Companhia inglesa do *Caminho de Ferro de Benguela* (1903) que viria a ser reforçada através da sua associação com a alta finança belga nos anos 20.

Se é certo que uma parte das firmas de judeus investiam no comércio e nos transportes, outras havia que ousavam investir em pequenas indústrias de tecidos, de cerâmica, de cal, etc, como acontecia com a sólida firma Bensaúde & Cia²⁷ que pelo

²⁶ Não encontramos outras referências a L. Bensabat, embora em Lisboa residisse a sua família aparentada aos Zagury e aos Amzalak.

²⁷ A firma Bensaúde e Cia com sede nos Açores, associada aos Lima Mayer fundara o Banco Lisboa e Açores e era em Portugal co-proprietária da Empresa Nacional de Navegação a qual, graças a uma concessão de monopólio de navegação com a costa de África, detinha em 1914, 86% da tonelagem dos navios a vapor nacionais. A. Bastos, *Monografia...* Idem, “Angola de outros tempos”, in *O Lobito* de 16.08.1930.

porto de Luanda importava de Inglaterra em 1888 barricas com cimento, em 1889 fardas para os militares, e no ano seguinte tubo de ferro para a sua fábrica de cerâmica situada na Samba (Luanda) já equipada com uma máquina a vapor. Cinco anos depois a fábrica encontrava-se em liquidação e pelo inventário do equipamento de que dispunha pode avaliar-se a dimensão do investimento.²⁸

Um dos sócios da firma Benchimol & Sobrinho, Samuel era também proprietário de uma fábrica de tecidos de algodão em Luanda, entre 1889 e 1894 que acabaria por falir por alegada falta de protecção fiscal, não tendo o governo concedido o exclusivo do fabrico de tecidos pelo prazo de 10 anos.²⁹ Apesar da iniciativa privada favorecer a economia da colónia, tendo como efeito reduzir os custos de importação, as poucas tentativas de carácter industrial encontraram em regra grandes obstáculos e foram frequentemente votadas ao fracasso, só explicável no quadro do pacto colonial, onde a política aduaneira onerava certas mercadorias destinadas a reexportação e protegia os interesses da incipiente indústria metropolitana. A fim de iludir a pesada carga fiscal, eram utilizados vários subterfúgios pelas casas import-export como a de Samuel Benchimol, que despachava sacos de café para Lisboa em 1892, embora fossem transportados directamente para o Havre nos vapores da empresa, beneficiando desse modo de taxas alfandegárias reduzidas.³⁰

Com o início do novo século, a expansão do mercado interno estimulou alguns empreendimentos industriais de pequena dimensão: por volta de 1930, os irmãos Benoliel fundavam uma cerâmica de telhas e tijolos situada no Longonjo,

²⁸ Além de batelões de ferro, um palhabote, três lanchas e um escaler para transporte do produto, contava com uma prensa, uma máquina de fazer tijolo, um forno, carros de bois, zorras de madeira, etc. BOGPA 3 de 19.1.1895. A Câmara de Luanda adjudicava a esta firma em 1891 um terreno de 500m² na ilha do Cabo, junto a um barracão de pesca. BOGPA 2 de 9.1.1892.

²⁹ A. Bastos, "Angola de outros tempos" in *O Lobito*, 16.08.1930.

³⁰ Op^o 365 de 14.9.1892. AHU, 2^a Rep. 2^a Sec. Pt 16 (1892). A aplicação das taxas alfandegárias aos artigos importados era muitas vezes contestada pelos negociantes junto das autoridades, conseguindo desse modo reduzir os custos das mercadorias.

correspondendo à intensa procura de materiais de construção e de artigos de louça por parte da população europeia que então demandava o planalto do Huambo.

Em contrapartida a transição do século XIX para o séc. XX trouxe a quebra na procura ou no preço de alguns produtos considerados essenciais - a aguardente, a borracha, a cera - originando a falência ou trespasse de algumas casas até então prósperas. Simultaneamente a competição surgida entre a via férrea de Ambaca e a navegação do Cuanza originou a perda de importância comercial do Dondo. Perante o declínio da outrora próspera vila, Neves & Zagury, Benchimol & Sobrinho e Bensaúde & Cia buscaram outros campos de acção nos anos 90. A retirada ou falência de muitas firmas cujo rasto se perde, sugerem o regresso de alguns comerciantes aos países de origem ou a localização dos seus negócios em outras colónias e em Portugal, hipóteses que não conseguimos por ora comprovar.

No século XIX o seu envolvimento na área comercial atestou em parte uma integração progressiva, em particular nos sectores da economia de mercado vocacionada para o exterior, através do comércio de import/export. Faltam porém dados para poder avaliar, quando em competição com outros grupos nacionais mais fortes ou melhor posicionados junto do poder, se os seus investimentos ou iniciativas foram preteridos e em que circunstâncias. Por outro lado, a falta de dados quantitativos e de livros de contabilidade das empresas não permite detectar as relações privilegiadas que os negociantes judeus em Angola mantinham com diversas praças, embora possamos assinalar contactos das empresas de import/export com a Inglaterra (Manchester, Cardiff e Liverpool),³¹ a França (Havre),³² a Alemanha (Hamburg, Hannover e Berlim) e a Holanda (Amsterdam e Roterdam), ampliando gradualmente a sua área de negócios.

³¹ Este país detinha interesses fortes no Ambriz desde o início do século XIX. Embora ignoremos a sua proveniência, (Gibraltar?), Augustus Cohen foi cônsul da Inglaterra no Ambriz por volta de 1870. Entrevista de J.L. Cohen (2002).

³² Existem breves indícios de relações com a firma dos irmãos Conquy sediada no Baixo Congo. Os Conquy eram também parentes dos Seruya. J. Abecassis. *Genealogia...*, IV vol.

Finalmente que envolvimento tiveram os sefarditas na agricultura colonial? Enquanto no século XIX, a primeira geração não se interessou pela posse de terras, nas décadas de 1920-30 algo mudou. A política colonial portuguesa procurou estimular a fixação de colonos em áreas recentemente ocupadas militarmente onde as populações africanas tinham sido forçadas a abdicar da sua autonomia e destituídas dos melhores terrenos agrícolas. Embora excepcionalmente, alguns judeus aventuraram-se em regiões do interior onde as terras agrícolas atraíam colonos europeus e onde instalaram fazendas e casas de comércio.³³

Foram porém raros aqueles que se ocuparam exclusivamente da lavoura.

2. Identidade e estratégias de socialização

Ainda que consideremos prematura a definição da identidade sefardita em Angola, ensaiaremos uma abordagem breve desta problemática. Por um lado, na sua condição de minoria dispersa num território tão vasto, os sefarditas acolhidos pela sociedade colonial tinham fracas probabilidades de constituir uma comunidade coesa. Com efeito, perante condições tão restritivas, seria difícil preservar a identidade sefardita resultante da presença de vários factores aglutinadores comuns. Tratando-se porém de indivíduos de proveniência magrebina, portadores de uma cultura judaico-marroquina determinada pela estrutura social onde se inseriam antes de emigrarem, não é absurdo supor que partilhavam uma **história e cultura** comuns (religião, alimentação, vestuário, música) e que falavam o dialecto *haquitia* e provavelmente o *ladino*³⁴, além das línguas espanhola, inglesa e francesa, segundo as cidades donde provinham fossem protectorados da Espanha, da Inglaterra ou da França. Alguns deles tinham cidadania inglesa, obtida em Gibraltar, outros obtinham a cidadania portuguesa por mercê régia.³⁵

³³ O caso dos Benoliel é um deles, revelado em entrevista de José Bende Benoliel (2001).

³⁴ O *haquitia* integra elementos de hebraico, espanhol e árabe enquanto o *ladino* resulta do espanhol e do hebraico.

³⁵ Abecassis, J.M. *Genealogia...*, II vol.; e mercês régias concedidas ao longo do século XIX.

Supondo que as referências religiosas hebraicas constituíam um património comum, não existem evidências em Angola de práticas religiosas colectivas. Como explicar o facto? por dificuldade em reunir o *mynian*, núcleo mínimo de dez homens indispensável para a realização de cerimónias litúrgicas? ou por razões de uma vivência religiosa pouco intensa? ou ainda pela ausência de uma autoridade rabínica?

Se eventualmente se realizaram actos de culto público não sobreviveu o seu registo. Só isso explica que mesmo onde a sua concentração era maior como na Catumbela e Benguela, não tenham sido encontrados sinais de uma sinagoga, como aliás em nenhuma cidade de Angola foi assinalado até ao momento qualquer vestígio de um templo judaico, ou sequer um local de oração, o que por si revela um quadro muito particular, em comparação com outros países africanos. Contrariamente ao sucedido em Cabo Verde onde existe um indício toponímico relativo a uma *esnoga* e em Maputo onde na década de 20 foi construída uma imponente sinagoga.

Neste contexto como seria possível observar os rituais essenciais na constituição e preservação da família: o nascimento, a nomeação, a circuncisão, o casamento e a morte? Perante a inexistência de um templo e de um rabi, algumas famílias mais ortodoxas ou mais abastadas recorriam a outras comunidades para cumprir os rituais tradicionais: buscavam noiva e realizavam os casamentos no estrangeiro onde residiam as respectivas famílias (em Inglaterra, na África do Sul, em Marrocos ou em Portugal). Pela mesma razão, a nomeação das crianças ou a circuncisão eram feitas em Lisboa, Gibraltar ou Lourenço Marques (Maputo).³⁶

Graças a um pragmatismo religioso observado aliás em várias comunidades dispersas pelo mundo, e em particular na América latina,³⁷ o cumprimento dos cânones da religião judaica era frequentemente condicionado pelas circunstâncias, prevalecendo a tendência para interiorizar a crença, cumprir minimamente os preceitos e manter a fidelidade ao Deus dos Hebreus. Na falta de

³⁶ Vários exemplos em Abecassis, J.M. *Genealogia...*, vol. III e IV e A.Iria, o. cit.:

³⁷ Gruzinski, S. *Le Nouveau Monde - Mondes Nouveaux*. Paris, EHESS/CNRS 1992

um local de culto público, breves testemunhos revelam a sobrevivência de rituais praticados no interior dos lares judaicos: a prática das orações da tarde e da noite, do Shabbat na noite de 6^a feira com velas e a refeição nocturna acompanhada de orações e cânticos. Desconhece-se se seria observado por norma o jejum semanal e o modo como eram celebradas algumas festividades religiosas. É muito provável que dadas as relações familiares existentes, se reunissem nessas ocasiões todos os parentes, mas não podemos confirmar se tal facto ocorria em Angola.³⁸

Sendo a mulher judia quem na esfera doméstica transmitia fielmente a tradição, a sua presença era fundamental à observância quotidiana dos preceitos alimentares. Nenhum indício nos assegura que os sefarditas consumissem alimentos *kosher*,³⁹ o que nos leva a supor que a constituição de famílias com “mulheres da terra” com formação cristã pode ter obstado ao cumprimento de vários procedimentos religiosos essenciais.⁴⁰

Se por um lado, a religiosidade e seus rituais ficaram circunscritos ao espaço doméstico, onde iria prevalecer a tendência para interiorizar a fé, cumprir minimamente as festas e cerimónias do calendário litúrgico, o escasso número de mulheres judias conhecedoras da liturgia doméstica comprometeu por certo a preservação da tradição. Nessas circunstâncias e quando se efectuavam casamentos com descendentes de cristãos-novos - Furtado de Antas, Valentim, Medina, Pinto, etc, as práticas familiares desviavam-se também da ortodoxia.

Como era possível observar o jejum e os ritos que marcavam o

³⁸ Será que nas grandes festas como *Pessach* (Março); Dia da Rainha Ester (Set.); Rosh Hashanah, ou pelo *Yom Kipur*, o Dia Grande do Senhor (Out^o) realizavam uma reunião especial para a oração e uma refeição em comum (*seder*), à semelhança do que ocorria em pequenas comunidades na América? Primack, Karen. *Jews in places...* Hoboken 1998.

³⁹ Consistia em carne de animais degolados ritualmente, pão ázimo, enquanto as proibições alimentares eram sangue e toucinho de porco, lebre, coelho, aves afogadas; marisco; peixe sem escama (enguia, polvo, congro, arraia).

⁴⁰ Numa família mista, os preceitos alimentares eram observados apenas pelo pai judeu, enquanto a mãe e os filhos estavam dispensados. Entrevista de J.B.Benoliel (2001).

ritmo diário, respeitar o sábado e as grandes festas da liturgia judaica? Se com o intuito de preservar a identidade, eram efectuadas em alguns casos alianças matrimoniais com famílias sefarditas de Marrocos,⁴¹ revelando desse modo uma estratégia de transmissão de uma cultura religiosa e familiar autónoma, não parece ter sido esse o padrão conjugal mais comum. Em contrapartida, o desejo de integração social podia ditar uma aliança matrimonial entre um judeu e uma “gentia”, embora compromettesse desse modo a pertença dos filhos ao grupo paterno.

Existe porém um silêncio pesado sobre as mulheres judias, cristãs-novas ou africanas que de algum modo fizeram parte desses agregados familiares, apesar de as uniões mistas terem sido frequentes, dando origem a vasta prole nascida em Angola.⁴² Os filhos nascidos de uniões com “filhas da terra”, “gentias” segundo os cânones hebraicos, não eram considerados judeus, mesmo quando fossem reconhecidos e perfiados pelos pais. Quando não eram ignorados ou engeitados pelo pai, os filhos de mães escravas, libertas ou “serviçais” eram afastados delas para serem educados pelo pai.⁴³

Como meio de assegurar a pertença familiar, os patronímicos eram no entanto transmitidos aos filhos mesmo nos casos de casamentos mistos, o que permite ainda hoje identificar o parentesco entre os descendentes dos primeiros imigrantes sefarditas, conscientes da sua ascendência; além disso continuavam a ser atribuídos prenomes bíblicos à descendência nascida em Angola ou no espaço imperial, a par de prenomes ocidentalizados como Augusto (Ayush), Jaime (Haïm), José, Alberto, Alfredo, Fortunato, etc

Quanto a locais destinados as práticas funerárias dos judeus, não existiram cemitérios exclusivos para cumprirem os seus rituais. Por decisão régia, e a pedido do Bispo de Angola e

⁴¹ Segundo testemunho de Moisés Ayash in Antunes, J.F. *Judeus em Portugal*, Lisboa 2000. Ver o quadro dos apelidos familiares atrás publicado.

⁴² Veja-se os casos melhor documentados das famílias Amzalak, Benchimol, Bendrao, Benoliel e Cohen.

⁴³ Entrevista de J.B.Benoliel (2001).

Congo que alegava não poderem ser sepultados em chão sagrado “*indivíduos envoltos nas trevas do paganismo e gentilidade, bem como outros a quem a Igreja não podendo considerar como seus filhos, denega a sepultura eclesiástica*”,⁴⁴ foram demarcados sectores judaicos nos cemitérios cristãos, como ocorria em Benguela e na Catumbela; no entanto no cemitério do Alto das Cruzes em Luanda, as sepulturas judaicas encontram-se ao lado de sepulturas cristãs.⁴⁵ Não procederam pois os sefarditas à aquisição de um chão consagrado exclusivamente para os enterros segundo o ritual judaico, o que não impediu que alguns fossem realizados segundo a tradição, oficiados por praticantes da mesma crença.⁴⁶ Será que foram respeitados integralmente nesses enterros os rituais funerários que até nós chegaram apenas sob a forma de uma pedra tumular contendo o nome e o ano de óbito?⁴⁷ Não foi possível até agora esclarecer esta questão.

Da **solidariedade social** praticada habitualmente entre os sefarditas, através das instituições comunitárias e religiosas que proporcionavam recursos para auxiliar os mais pobres, também não existem indícios em Angola. Como componente importante da prática religiosa judaica, esses actos de caridade para com os mais necessitados eram dirigidos a instituições existentes em Luanda. Interessados em cumprir um dever religioso e em integrar-se na sociedade colonial, alguns judeus contribuíam com donativos para o Asylo D. Pedro V, instituição que desde

⁴⁴ Op^o de 17.2.1882. AHU. Angola DGU, 1^a Rep. 1882-1883, Pt 3 (787).

⁴⁵ Restam hoje 9 sepulturas em Benguela e 13 na Catumbela. A. Iria. “Os judeus em Moçambique, Angola e Cabo Verde”. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Tomo XX, Lisboa 1979:148-160. Soubemos da existência de sepulturas judaicas na Bela Vista (Huambo) através do testemunho de M. Ayash in Antunes, J.F. *Judeus em Portugal*, Lisboa 2000.

⁴⁶ Veja-se os casos de Seruya e de José Benoliel.

⁴⁷ O ritual comportava vários actos: luzes durante nove dias na câmara mortuária; fazer a cama; espalhar farinha em volta da mesa que tem alimentos; vestir um pobre com roupa do morto e sentá-lo à mesa; dar esmola aos pobres; colocar pão sob a cama; dar um banquete aos parentes e amigos. O morto envolvido num lençol de linho ou de algodão branco, é depositado na campa que será coberta com uma laje de pedra; só os homens lançam terra com uma pá.

1854 tinha por finalidade recolher órfãos, crianças pobres e filhos bastardos abandonados pelos pais. Entre vários doadores, encontram-se referências na década de 90 a Benchimol & Sobr., Bensaúde & Cia, Salomão e Fortunato Cagi, Benjamim Zafrany, José Amzalak e Salomão Benchimol.⁴⁸

Que objectivos visavam estas acções e que consciência social revelavam? Seriam estas as únicas acções de solidariedade social que praticavam segundo a lógica de distribuição aconselhada pela moral judaica?

Por outro lado, o seu envolvimento político num sentido mais amplo, foi aparentemente quase nulo. Apenas encontrámos uma referência a um judeu eleito vereador da Câmara Municipal de Pungo-Andongo em 1882.⁴⁹ Foi no entanto registada pelo Gov. Ferreira do Amaral a colaboração dos representantes da Casa Bensaúde em Benguela no sentido de assegurar o domínio português no Bailundo e Bié, ao mesmo tempo que era custeada pela casa-mãe a educação de um filho do rei do Bié em Portugal.⁵⁰

Embora não tenham exercido cargos políticos na colónia, a actuação dos negociantes judeus era importante por dinamizarem o comércio e pagarem impostos como qualquer contribuinte. Indirectamente a sua actuação podia ser considerada politicamente oportuna ou mesmo vantajosa quando proporcionava informações acerca de áreas ainda desconhecidas da administração colonial, ou convergia para o reforço do domínio português. Já no século XX, a sua participação cívica foi constatada quando exerciam alguns cargos em associações comerciais ou desportivas, e em câmaras municipais.⁵¹

⁴⁸ Referências dispersas em BO 15 de 1892:190; BO 18 de 6.5.1893, 8^o Apenso. A. Iria, o.cit. p. 161-163.

⁴⁹ Marcus Zagury foi eleito por 24 votos. “Relação nominal dos cidadãos eleitos para vereadores das Câmaras Municipais...para o biénio de 1882-1883”. 14.1.1882. AHU. Angola, DGU. 1^aRep. 1882-1883, Pt 3 (787).

⁵⁰ Conforme referido no Op^o 48 de 19.6.1883. AHU. Angola DGU, 1^a Rep. 1882-1883, Pt 3 (787).

⁵¹ J. Amzalak foi secretário da Direcção da AECI de Benguela (1915); Marcos Ayash pertenceu à Direcção do Sport Club da Catumbela (1946); Jorge Amzalak foi administrador de concelho (1950's); Jaime Bendrao foi presidente da Câmara Municipal e da Associação Comercial de N^o Lisboa (1950's).

A sua importância e peso social e económico poderão ser deduzidos através da sua participação em sectores fundamentais da colónia. É um facto que a intervenção pública dos negociantes judeus conferiu-lhes visibilidade nos documentos. Na verdade nas colónias africanas pouco importava a origem de cada pessoa; desde que fosse branco/europeu e tivesse alguns bens, o seu lugar estava assegurado entre a elite colonial.

À semelhança do que sucedia em outras colónias onde a presença judaica era registada, em Angola “o papel cultural dos judeus tinha pouco a ver com o branqueamento da sociedade colonial, mas sobretudo com a introdução de um espírito industrial e comercial de grande alcance”.⁵²

Porém para muitos imigrantes sefarditas, a aculturação parece ter sido um facto, enfrentando poucos obstáculos sociais no seu quotidiano. Também na colónia, “a assimilação tornou-se uma palavra de ordem”. Na verdade pode ser confirmada a assimilação cultural daqueles que prolongaram a sua estadia por várias décadas em Angola, enquanto outros, decerto a maioria, foram apenas moradores temporários que não chegaram a criar raízes em solo angolano. Nestes casos, colhe-se uma sensação de transitoriedade, de permanência a prazo que só excepcionalmente se estendeu por duas ou três gerações.

3. Integração ou exclusão social?

O pequeno número de residentes judeus não colocou problemas à sociedade nem às autoridades coloniais. Pelo contrário, a sua capacidade de trabalho, educação, prosperidade e comportamento social aproximavam-nos dos europeus com os quais mantinham relações cordiais, tanto quanto é possível saber. À semelhança do que ocorria no Brasil, enquanto lhes era atribuída a categoria de não-negros, eram uma componente privilegiada na hierarquia social.

É certo que os sinais exteriores de identidade judaica tinham escassa visibilidade já que em locais públicos, tanto no vestuário como no aspecto físico, os sefarditas marroquinos pouco ou nada

se distinguiam dos outros “brancos” da colónia. A sua imagem exterior era próxima dos outros brancos cristãos, e em particular da burguesia mercantil com a qual se identificavam.

Além disso, os imigrantes judeus terão comunicado com os seus clientes em português, língua indispensável ao exercício da actividade comercial, o que proporcionava uma integração mais eficaz. A segunda geração frequentou as escolas primárias portuguesas existentes na colónia já no século XX, alguns dos quais concluíram estudos secundários e outros deslocaram-se a Portugal para frequentar escolas superiores.

Não conseguimos por enquanto avaliar as dificuldades com que se confrontaram os sefarditas em Angola no processo de preservação da sua identidade religiosa, tanto na primeira geração como nas seguintes. Apesar de a legislação em vigor o permitir, existiriam condições para a prática de um culto distinto do catolicismo? Como é que a maioria dos cristãos e em particular a hierarquia eclesiástica da colónia aceitaria essa diversidade religiosa?

É certo que as elites políticas e a intelectualidade portuguesa na transição da Monarquia à República encaravam a comunidade minoritária judaica que vivia dentro das fronteiras de Portugal e nas suas colónias como um elemento válido no contexto económico da época. A política de imigração nas colónias adoptada pela República significou europeização, apesar de haver brancos mais bem-vindos do que outros (veja-se o caso dos boers), e projectou uma suspeição alargada a todos os europeus que pudessem de alguma forma representar um “cavalo de Troia” na perspectiva dos responsáveis da administração colonial.

Seriam os judeus desejáveis como categoria social? é nossa convicção de que seriam aceitáveis desde que não perturbassem o equilíbrio político e racial existente na colónia. Porém que tipo de relações conseguiram estabelecer com a elite branca da colónia? Qual foi o seu papel na construção de uma ideologia de dominação racial? A proveniência urbana dos sefarditas marroquinos ou gibraltinos tê-los-ia imunizado contra as teses racistas que então se encontravam em plena expansão na Europa? Será que os excessos nacionalistas na década de 90 acompanhados por um forte sentimento anti-britânico terão afectado a vida dos negociantes judeus em Angola? Por outro lado não sendo refugiados e apenas imigrantes que foram sendo

⁵² J. Lesser, ...1995, p.32.

integrados gradualmente na sociedade colonial, como olharam os judeus para aqueles que os acolheram? numa fase mais avançada de integração, como manifestaram o seu nacionalismo?

Tanto quanto foi possível deduzir da documentação deste período que vimos analisando, não surgiu uma *questão judaica* em Angola até à década de 30. Contudo as dificuldades acumuladas na colónia na segunda metade da década de 20 afectaram muitas firmas comerciais, o que poderá em parte explicar a retirada de comerciantes sefarditas durante a crise de 1929 devido ao declínio das transacções. A partir de então a comunidade sefardita residente em Angola havia cerca de seis décadas, e parcialmente integrada na sociedade colonial (parte dos seus descendentes habitam hoje a República de Angola) sofreu uma redução numérica ainda não contabilizada nem cabalmente explicada. Essencialmente mercantil, permaneceu na colónia circunstancialmente, acumulou capital e retirou-se parcialmente quando ocorreram alterações económicas e políticas significativas que não podem ser aqui analisadas.

Sefarditas presentes em Angola (Sec. XIX - XX)

Names	Proveniência	Profissão	Residência	Período	Nasc.-Falec.
ABECASSIS, Mª Teresa Krus	Lisboa ?		Benguela		1921-1959
AMZALAK, José Abudarham	Lisboa	comerciante	Luanda	1874-1898?	1847-1900
AMZALAK, Jacob Abudarham	Lisboa	negociante	Ambriz/Beng.	1878-1894?	1857-1920?
AMZALAK, Mary	Luanda		Luanda/Rio Jan	1874-	1874-1940?
AMZALAK, Alfredo Abraão	Luanda	??	Luanda/Rio Jan	1876-1907?	1876-19??
AMZALAK, Alberto Gabriel J.	Ambriz	contabilista	Beng/Lobito	1891-1980?	1891-1980?
AMZALAK, Abraham Jacob	Ambriz	??	Ambriz/Lisboa	1886-??	1886-1932
AMZALAK, Jorge	Luanda	intendente/gov. dist.	Luanda/Lubang	1940-1975	1918-2000?
AMZALAK, ????	Benguela	emp. Comércio	Lobito		1930s-
ANAHORY,	S.Tomé/C.Verde	dentista	Luanda	1940s-45	1920s?-
AYASH, Ruben M.Bendrao	Tânger	comerciante	Cat/B. Vista	1896-1939	1883-1939
AYASH, José Bendrao	Tânger	comerciante	Cat/B. Vista	1896-??	1876-19??
AYASH, Mercedes L. Bensabat	Tetuão		Beng/Lobito	1908-1921?	1891-1982
AYASH, Abraão Levy Bendrao	Lobito/Angola	fiel da Alfândega	Lobito-Lisboa	1918-192??	1918-198??
AYASH, Moyses Levy Bendr	Benguela	economista	Beng/Lisboa	1921-1950s	1921-200??
AYASH, Marcos Levy	Bela Vista/Angola	CTT- Catumbela	Catumbela	1920s-51	1920s-
AZULAY,	Mogador	??	??		
AZULAY,	Benguela	jornalista	Benguela		1940s- ??
BENAZOLIM	Marrocos/Barcel?		Beng/Longonjo		
BENCHIMOL, Abraham	P.Delgada	negociante	Catumb/Beng.	1874/1888?	1853-1906
BENCHIMOL, Salomon	P.Delgada	negociante	Luanda/Beng.	1874-1888?	1851-1910??
BENCHIMOL, Samuel	Ponte Delgada	negociante	Luanda/Beng.	1889; 1894	1860-70??
BENCHIMOL, José Salomon	Benguela	?	Luanda?/CV	?	1904-1961
BENCHIMOL, ???	Benguela	comerciante	Benguela		1910?-
BENCHIMOL, Abrahão	Benguela	?	Benguela		1930s?-
BENCHIMOL, Moisés	Benguela	?	Luanda	1935?-	1935?-
BENCHIMOL, David	Benguela	?	Benguela		1940?
BENCHIMOL, Luís	Benguela	bancário/ BPC	Benguela	1950-2004	1950-
BENCHIMOL, Samuel	Benguela	comerciante	Benguela	1946	1920??-
BENDRAO, José	Tânger	comerciante	Catumbela	1886-	1850s-
BENDRAO, Isaac Levy	Tânger	comerciante	Benguela/Cat.	1880s	1860?-
BENDRAO, Salomon Benjo	Tânger	comerciante	Benguela/Cat.	1874-1910?	1855?-
BENDRAO, Sara	Benguela				1883-1895
BENDRAO, Isaac Issan	Catumbela	comerciante	N.L.xa/Malanje	1946-1963?	1896-

BENDRAO, Ruben Issan	Tânger	comerciante autom.	Beng/Nº L.xª	1930s-1946	1891-1967
BENDRAO, Jaime Issan B.	Catumbela	comerciante	Bailundu/N.L.xª	1946	1906-1978
BENDRAO, Marcos Issan	Lisboa	comerciante	Benguela		1900-19??
BENDRAO, Susana	Benguela?		Benguela		
BENDRAO, Esther	Lisboa		Catumbela		1908?-
BENDRAO, Luna	Catumbela		Beng/Catumb		1903-1970
BENDRAO, Amélia	Benguela		Benguela/L.xa.		1927?- 2001
BENOLIEL, José Jacob	Marrocos/Tetuão	comerciante/fazend	Benguela/N.L.xª	1920s-1951	1888-1951
BENOLIEL, Aarão Jacob	Marrocos/Tetuão	comerciante/fazend	Longonjo/Cutima.	1920s-80s	1885?-195??
BENOLIEL, José Bende	Longonjo	funcion. Justiça	Benguela	1932-1974	28.9.1932-
BENOLIEL, Moisés	Marrocos/Rabat	comerciante	Bailundu/Lunge	1946-	1925?-
BENOLIEL, Esther	Marrocos/Tetuão	doméstica	Benguela	1945-1975	c.1920s-
COHEN, Augustus (Ayush)	Gibraltar?	negociante	Ambriz/Luanda	1870- 1890?	1848?- 1900??
COHEN, José	Rabat	negociante	Pungo-Andongo	1884-?	1888-1951
COHEN, José	Luanda	func. Fazenda	Luanda/Beng.	1885-1951	12.1.1885- 1951
COHEN, Cândido Amado	Catumbela	func.B.Angola	N.Red/Malanje	1909-1969	10.11.1909- 1969
COHEN, José Luis	Malange	func.B.Angola	Luanda	1940-	1.8.1940-
COHEN, Abraham Levy	?		Lobito	1908-1940	
COHN, Félix	?	feitor	Quissembo	1892	
CONQUY, Abraham Aine	?	comerciante	Ambriz/Luanda	1892-??	
ESAGUY, Raquel	Amazonas-Brasil	doméstica	Lub/Mal/Luand	1945-1970s	1910-
FRESCO, Alberto	Istambul	funcion. do BNU	Lisb-Benguela		1898-1966
ISSAN, Simão	??	negociante	Luanda	1878	
LEVY, Isaac Salomon	Lagos? C-V.?	médico	Luanda	1930s-1960'	1900-1970??
LEVY, Zuzu	Luanda?		Luanda		1925?-
NAHON, Salomão Hillel					1907-1932
SERFATY, Marcus		comerciante	Bailundu/Lunge	1946	
SERUYA, Mark de A.		comerciante	Luanda	1878	
WAHNON, Samuel	Cabo Verde		Benguela		188??-1933
WAHNON,	Cabo Verde		Luanda		
ZAFRANY, Benjamim		comerciantem	Malanje	1880's	
ZAGURY, Izaac Amzalak	Lisboa	negociante/armador	Amb/Zaire/Cat.	1882-1890s	1840s-1899?
ZAGURY, Jacob	S.Miguel/Açores	negociante	Dondo	1879	1861-1879
ZAGURY, Fortunato Messod	Mogador	despachante alfund.	Zaire/Luanda	1878-1890	
ZAGURY, Jaime (Haïm)+A32	S.Miguel/Açores	comerc/feitórias	Zaire/Luanda	1892-94	
ZAGURY, Marcos (Mordchai)	P.Delgada/Açores	negoc/ag. Comercial	Luanda/Dondo	1887-1888	1857-181924
ZAGURY, Ermelinda	Pungo-andongo		Malanje/L.xa		1883-1954

1. Fontes Manuscritas

AHU - Lisboa

Angola, 2ª Repartição, 2ª Secção
Pt 16 (1892), Pt 17 (1893), Pt 18 (1894)

Angola. DGU - 1ª Repartição
1882-1883- Pt 3 (787); 1884-1894. Pt 1091

2. Fontes impressas

BOGPA

1876, 1882, 1891, 1892, 1893, 1895.

O Lobito, 16.8.1930

3. Fontes Oraís

Entrevistas concedidas por Jorge Amzalak (2001), Luís Benchimol (2002), José Luís Cohen (2002-4), Rosa Cohen (2002), Isabel Cohen (2002), Amadeu Brandão (2002-4), Benjamim Dukarsky (2001), José Bende Benoliel (2001).

4. Bibliografia

AAVV. *A história entre memória e invenção*. Coord. Pedro Cardim. Lisboa Europa-América 1998.

AAVV. *Jewish Tradition in the Diaspora*. 1981

AA.VV. *Os Judeus em Portugal. Século XX*. Dossier *História*, ano XXI, nº15, Junho 1999.

AA.VV. "Judeus em Portugal" in *Panorama*, nº1, 1837

Abecassis, J. M. -*Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar, sécs. XVII a XX*. Lisboa, Ed do Autor 1990, 4 vol.

Amzalak, Moses Bensabat. *O Rabi David Zagury, Rabino da Comunidade Israelita da ilha de S. Miguel no séc. XIX*. Lisboa 1950.

Antunes, José Freire. *Judeus em Portugal*. Edeline Multimedia, Lisboa 2000.

Attias, J.-C. & E. Benbassa. *Dictionnaire de Civilisation Juive*. Paris, Larousse 2ª ed. 1998

Barnavi, Elie (dir). *História dos Judeus até ao século XX*. Lisboa Círculo de Leitores.

Bastos, Augusto. *Monografia da Catumbela*. Lisboa, SGL 1912

Beinart, Haim et alii. *Odyssey of Exiles. The Sephardi Jews 1492-1992*. Tel-Aviv Ministry of Defense Publishing House 1992

Benbassa, Esther (dir.) *Mémoires Juives d'Espagne et du Portugal*. Publisud 1996

Bensabat, Lázaro. *Pedido de Concessão de terrenos para a Cia. Loanda-Bibe de Exploração de Terrenos e Minas de Ouro, Lda*. Lisboa 1895

Bensaude, Alfredo. *A vida de José Bensaúde*. Lisboa, Litografia Nacional 1936

Carvalho, António C. *Os Judeus do Desterro de Portugal*. Lisboa, Quetzal Editora 1999

Carvalho, Henrique Dias de. *Descrição da Viagem à Mussumba do Muatiânvua*. Lisboa 4 vols. 1890.

Idem. *O Jagado de Cassanje*. Lisboa 1894.

Cassuto, Afonso. *A comunidade portuguesa de Hamburgo*. Lisboa Heheber 1937.

Dias, Fátima Sequeira. "Les Juifs marocains dans l'archipel des Açores. L'exemple des Bensaúdes". *Civilisations*. Bruxelas, vol. XLI, 1-2, 1993:403-414.

Idem, *Uma estratégia de sucesso. José Bensaúde*. Lisboa 1999.

Dias, Jill. "Angola c. 1820-1890" in *O Império Africano 1825-1890*. NHEP,

* A todos os que colaboraram nesta pesquisa, comunicando as suas memórias em entrevistas ou em conversas informais, expresso os meus sinceros agradecimentos.

Aida Freudenthal

v.X, 1998:389.

Écrire l'histoire du temps présent. Prefácio de Robert Franck, Paris CNRS 1992

Encyclopedia Judaica. Ed. Cecil Roth & G. Wigoder. Jerusalem 1971

Freudenthal, Aida. "Angola 1890-1930" in *O Império Africano 1890-1930*. NHEP, vol XI, 2000

Gruzinski, Serge & Nathan Wachtel. (coord). *Le Nouveau Monde, Mondes Nouveaux*. EHESS/CNRS 1992

Iria, Alberto. *Os Judeus em Moçambique, Angola e Cabo Verde. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Tomo XX, Lisboa 1979:148-169.

Laredo, Isaac. *Memórias de un viejo tangerino*. Madrid 1935. 573 p. (refer. a José Benoliel- Lxa.)

Idem *Les noms des Juifs du Maroc*. Madrid 1978

Leibovici, S. (ed) *Mosaïques de notre mémoire. Les judéo-espagnols du Maroc*. Paris 1982.

Levi, Joseph A. (ed) . *Survival and adaptation. The portuguese jewish diaspora in Europe, Africa and the New World*. Sepher-Hermon Press for the American Society of Sephardic Studies. New York 2002.

Magno, David. *Guerras Angolanas*. Porto 1938.

Martin, Phyllis. *The external trade of the Loango Coast*. Oxford 1972.

Méchoulan, Henry (ed). *Les Juifs de l'Espagne. Histoire d'une Diaspora*. 1492-1992. Paris Éd. Liana Levi 1992.

Monteiro, J.J. *Angola and the river Congo*. 2 vols. Londres 1875

Pinto, F.A. *Angola e Congo*. Lisboa 1888

Primack, Karen (ed). *Jews in places you never thought of*. Hoboken, Ktav 1998

The Universal Jewish Encyclopedia. N.Y 1948

A Biblioteca *Ets Haim* Do Livro ao Saber

Maria Fernanda Matias
(Fundação Calouste Gulbenkian)

A Biblioteca *Ets Haim* (Árvore da Vida) foi criada para apoiar os estudos proporcionados pelo Seminário da Sinagoga Portuguesa de Amesterdão, templo consagrado em 10 de *Menabem* de 5435 (2 de Agosto de 1675)¹ com magnificência própria de um monumento que viria a ser o modelo seguido pelos arquitectos responsáveis pela edificação de sinagogas construídas posteriormente, tanto no Velho como no Novo Mundo - em Livorno (1700), Londres (1701), ou em Willemstad (Curaçau, 1732), Paramaribo (Suriname, 1737), Newport (Rhode Island, 1759) e Nova Iorque.

Muitas daquelas sinagogas foram destruídas. Permanece a *Mikveh Israel*, em Curaçau, e a *Bevis Marks*, em Londres. Em Rhode Island, a Sinagoga *Touro* foi classificada em 1946 como edifício histórico protegido e, actualmente com quase 250 anos de existência, é o templo mais antigo ainda em funcionamento fora da Europa. A Sinagoga *Shearith Israel*, de Nova Iorque, erigida em 1897, foi igualmente demolida. À medida que a comunidade israelita aumentava e mudava para outro local, construía nova sinagoga desmantelando a precedente, sendo a actual o quinto templo judaico levantado naquela cidade norte-americana.

A *Esnoga*, designação dada à Sinagoga Portuguesa de

¹ Barranse sombras, quando se levanta del / Pueblo que al gran Dios mas glorifica, / La luz antigua por la ley mas santa, / La mejor Casa en la Ciudad mas rica, / De grado en grado sus aplausos canta; / De gente en gente su hermosura explica; / Una angelica escala para el suelo, / Outra para Ysrael puerta del Cielo.(Poema de Daniel Levi de Barrios, para a cerimónia de consagração da Sinagoga).